

APRESENTAÇÃO

“A primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas, escondido atrás de uma porta. Ignoro onde o vi, quando o vi e se uma parte do caso remoto não desaguasse noutra posterior; julgá-lo-ia sonho. Talvez nem me recorde bem do vaso: é possível que a imagem, brilhante e esguia, permaneça por eu a ter comunicado a pessoas que a confirmaram. Assim, não conservo a lembrança de uma alfaia esquisita, mas a reprodução dela, corroborada por indivíduos que lhe fixaram o conteúdo e a forma. De qualquer modo a aparição deve ter sido real. Inculcaram-me nesse tempo a noção de pitombas – e as pitombas me serviram para designar todos os objetos esféricos. Depois me explicaram que a generalização era um erro, e isto me perturbou” (Graciliano Ramos. *Infância*, 1998)

O tema das coleções e das práticas colecionistas em espaços como jardins botânicos e museus tem ocupado um lugar crescente na historiografia produzida em diferentes áreas do conhecimento. Com uma riqueza de possibilidades de análise, as pesquisas têm demonstrado o quão plenamente articuláveis são os interesses sobre a temática, demonstrável, inclusive, nas publicações e encontros acadêmicos.

A Revista *Museologia & Interdisciplinaridade* apresenta ao leitor do Dossiê “coleções em jardins botânicos e museus” análises a partir de temas e abordagens que apresentam resultados de pesquisas recentes e que têm como protagonista: a coleção.

Compreendidas como resultado de escolhas, sinais de autoridade, referências científicas, herança cultural, “lugares de memória”, especificidades dos trabalhos de campo, desafios para pensar os museus etnográficos, e de gabinete, recursos estratégicos diante das ameaças à biodiversidade; as coleções são parte constitutiva da circulação de objetos, plantas, homens, mulheres, informações; parte de processos de circulação das ciências.

Os artigos aqui apresentados nos ajudam a refletir como um objeto da natureza torna-se ciência, sobre as possibilidades de pensarmos tais coleções como valiosos instrumentos de pesquisa para a história da Terra, porém sem perder de vista que as coleções, assim como os catálogos, inventários, ilustrações científicas e exposições revelam intenções de documentar, são frutos de escolhas, critérios e particularidades de quem as concebeu.

Além disso, as coleções podem apresentar um conjunto revelador da reprodução de objetos circunstanciados “corroborada por indivíduos que lhe fixaram o conteúdo e a forma” para usar as palavras do escritor Graciliano Ramos, na epígrafe.

Sendo assim, passemos aos artigos:

O artigo de **Mara Miniati** centra-se na história das coleções científicas em Florença. A autora ressalta que no “período dos Médici, Florença foi um importante centro de pesquisa científica e de coleções. Este aspecto da cultura florentina é geralmente menos conhecido, mas a ciência e as coleções científicas formavam uma parte consistente da história da cidade. Ao mesmo tempo, que o recolhimento dos instrumentos científicos era um componente importante das estratégias políticas dos grão-duques florentinos, convencidos de que o conhecimento científico e o controle tecnológico sobre a natureza conferiria solidez, prestígio e poder político.”

Para **Caterina Salvi** os “instrumentos científicos têm desempenhado papel fundamental para o desenvolvimento de pesquisas em ciências. Em 1890, os estudos de Hurter e Driffield sobre a sensitometria das emulsões fotográficas estabeleceram as bases científicas para a utilização da fotografia em trabalhos de pesquisa científica. A padronização do sistema fotográfico possibilitou utilizá-lo para observar, medir e calcular.

Desta forma a fotografia científica permitiu um avanço significativo nas pesquisas junto às coleções vivas. E, com desenvolvimento da fotografia digital associada à tecnologia digital, a definição de coleções vivas que, inicialmente, se referia somente às coleções vivas cultivadas ou domesticadas, como, por exemplo, às dos Jardins Botânicos, dos Jardins Zoológicos e das coleções de microrganismos, engloba atualmente também os ecossistemas e habitats naturais com o da a sua biodiversidade. Acervos fotográficos históricos e contemporâneos presentes em instituições de pesquisa e museus de ciência e tecnologia constituem importantes documentos para a pesquisa na elaboração de projetos de preservação de habitats naturais, de recuperação de áreas degradadas e de utilização sustentada dos recursos naturais”.

Denis Diagre em seu artigo ressalta “a importância de novos estudos sobre as Escolas de Botânica e os diferentes tipos de jardins botânicos que foram incorporados. O artigo esboça a história da Escola de (Sistemática) Botânica que foi plantada no Jardim Botânico de Bruxelas desde a sua criação no início de 1797 aos nossos dias. Descreve as mudanças que foram trazidos para esta área, bem como a atenção evolução que sofreu sob a mira de vários fatores. Estes fatores não só incluíram novos paradigmas científicos , mas também mudanças políticas , mudanças nas mentalidades , entre outras coisas , que impactaram a sociedade belga”.

Valeria Mara analisa “os debates acerca do colecionismo de orquídeas no Brasil a partir da década de 1930, utilizando para tanto os escritos de amadores e profissionais, publicados no periódico Orquídea. Abordamos as condições que deram maior evidência a essa atividade no cenário nacional, os sentidos atribuídos as orquídeas, bem como as práticas que visavam reconhecer a flora orquídea como riqueza nacional e patrimônio.”

Ermelinda Moutinho Pataca em seu artigo “Coleta, transporte e aclimação de plantas no Império luso-brasileiro (1777-1822)” demonstra como, nas últimas décadas do século XVIII e primeiras do século seguinte, se materializou um complexo projeto científico de coleta, estudo e disseminação de plantas exóticas no Império português, dando especial ênfase ao Brasil destacando a colaboração de botânicos e acadêmicos envolvidos no estudo da História Natural, engenheiros envolvidos nas Comissões Demarcadoras de Limites e, sobretudo, a população indígena”.

João Pacheco de Oliveira propõe como perguntas-chaves de seu artigo : “As peças que integram um museu podem ser “vivas”? Ou seja, elas podem ter uma outra vida, uma ordem de existência que não seja planejada, coordenada ou sequer conhecida pelos curadores, museólogos e dirigentes responsáveis pelas instituições que as administram e possuem?” (...) Para o autor, “esta ideia, que estaria na contra-corrente das sensações e sentidos que garantem a presença e expressão dos objetos na experiência museológica, implicaria na completa subversão daquilo que, seguindo Arjun Appadurai (1986), poderíamos chamar de a vida cotidiana dos objetos e a organização social das exposições. Relatar a experiência daí resultante, creio, poderia ser útil também para estimular os debates sobre uma reformulação de perspectiva nos museus etnográficos. Submeter ao olhar dos nativos a cultura objetificada reunida nos museus possibilita repensar algumas práticas e interpretações tanto sobre as populações colonizadas quanto sobre a própria natureza da ‘ilusão museal’”. João Pacheco pretende “debater as relações entre o sagrado e o profano, entre o racional e o imaginário, entre o solar e o noturno nos museus etnográficos.”

Aline Lubenow discorre sobre a formação da coleção entomológica Fritz Plaumann. Tendo como entendimento que o ato de colecionar é uma prática cultural, buscamos compreender o caminho que a coleção levou até chegar ao Museu. Fritz Plaumann apresenta-se como um colecionador-coletor, preocupado com as questões ambientais e com a produção de conhecimento, sua contribuição foi importante para o mapeamento da fauna entomológica do sul do Brasil. Nesse sentido, pretendemos discutir sobre o colecionador, sua coleção e por fim, o museu.

O artigo de **Heloisa Barbuy** tem como objetivo “evidenciar a presença de exposições itinerantes de animais selvagens na São Paulo do século XIX. Por terem se

realizado, localmente, como uma entre outras atrações de circo, têm passado despercebidas como tipo específico de exposição popular, que conjuga funções de divertimento e instrução. Constituem objeto de interesse para estudos sobre a cultura de exposições do século XIX. Cultura material, história natural e a cidade de São Paulo, no século XIX, são alguns dos elementos importantes de sua investigação.

O artigo de **Manuela da Silva e Magali Romero Sá** aborda “as coleções microbiológicas da Fundação Oswaldo Cruz, tendo algumas delas sido formadas ainda nos primórdios dos anos de 1920. No Brasil, o Instituto Oswaldo Cruz (posteriormente Fundação Oswaldo Cruz) foi uma das primeiras instituições a formar coleções vivas de material microbiológico. Coleções biológicas faziam parte da política institucional já voltada ao combate de doenças parasitárias e infecciosas causadas por bactérias e protozoários e transmitidas por insetos, moluscos e outros vetores. Hoje a Instituição é detentora de 17 coleções microbiológicas que representam a biodiversidade genética de bactérias, arqueias, protozoários e fungos de importância médica e ambiental, a memória epidemiológica e o registro de variações ocorridas em agentes etiológicos ao longo do tempo; e as populações genéticas de organismos relacionados a pesquisas em saúde pública, além da potencialidade dessas coleções na produção de novos insumos de interesse biotecnológico”.

Rafaela Forzza e colaboradores apontam para a importância das coleções biológicas que estão sob a guarda do Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ) e afirmam que “partir do final do século XX e início do século XXI, com a mudança de paradigma envolvendo a conservação e o uso racional da biodiversidade do planeta, as coleções biológicas e seus dados associados saíram de uma posição marginal para ocupar uma posição central na discussão que quantifica, qualifica, mapeia e estuda o potencial de uso da biodiversidade. Neste novo cenário, os jardins botânicos e suas coleções estão completamente inseridos nas tarefas relacionadas a atingir as metas da biodiversidade delineadas pela CDB/GSPC. Neste artigo descrevemos quais metas envolvem diretamente as coleções do JBRJ e analisamos tanto a participação como as limitações dos nossos acervos para apoiar o país no cumprimento das metas da GSPC 2020.”

Nigel Taylor discorre como “o papel das coleções vivas dos Jardins Botânico de Cingapura é colocado no contexto de seu valor como herança cultural, através do qual elas contribuem para a inscrição destes Jardins como Patrimônio Mundial da Humanidade junto à UNESCO”(…) além de ressaltar “a importância dessas coleções para apoiar a pesquisa científica, conservação da diversidade vegetal e educação pública é explorada e o assunto é contextualizado através de uma breve história dos Jardins.”

Esther García Guillén e Rosario Noya Santos destacam o valor das coleções dos jardins botânicos como pedra angular sobre a qual devem convergir as pesquisas e apresenta “la colección histórica de semillas, frutos y cortezas de distintas especies vegetales, colectados por la Real Expedición Botánica al Virreinato del Perú (1777-1815), en los territorios de Perú, Chile y Ecuador y conservados en el Real Jardín Botánico-CSIC, en Madrid. A través de la recuperación de esta colección científica, sus relaciones con otros materiales de la misma Expedición (herbarios, dibujos y manuscritos), y su reflejo en las colecciones de plantas vivas del Jardín, se destaca el papel de los jardines botánicos y sus colecciones en el estudio de la diversidad vegetal y fúngica.”

A resenha de **Irina Podgorny** fecha o dossiê, entre outros, chamando a atenção do leitor sobre “Como siempre, los libros de Claudine Cohen-La Méthode de Zadig. La Trace, le fossile, la preuve (Paris, Seuil, 2011) y Science, libertinage et clandestinité à l’aube des Lumières. Le transformisme de Telliamed (Paris, PUF, 2011)- combinan densidad con gusto por la escritura y un particular cuidado por la selección de las imágenes y por referirse a las tradiciones científicas de ambos lados del Atlántico norte y a varias lenguas de expresión de la ciencia – de las que curiosamente están ausentes el español y el portugués pero no el ruso ni el alemán.”

Boa leitura!

PARECERISTAS

Pareceristas dos artigos do Dossiê:

Coleções em jardins botânicos e museus -Revista UNB 2016

Alda Heizer.Desenvolve pesquisas no Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro e é professora de História da Botânica na Escola Nacional de Botânica Tropical.

Antonio Augusto Passos Videira - Professor do Departamento de filosofia da UERJ e pesquisador bolsista produtividade/ CNPq.

Bernardo Jefferson de Oliveira.Professor do Departamento de Educação/ UFMG.

Cicero de Almeida-Professor do Depto. de Estudos e Processos Museológicos da UNIRIO.Assessor do Centro de Memória Institucional da Justiça Federal /RJ.

Heloisa Gesteira- Pesquisadora Titular do MAST/MCTI e Professora Adjunta PUC-Rio.

Luis Miguel Carolino - Professor do Departamento de História do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa e pesquisador associado ao CIES-IUL.

Maria Esther Valente-.Pesquisadora do MAST/MCTI e professora da UNI-RIO.

Maria Margaret Lopes-Doutora em História das Ciências pela USP.